

**Percepção urbana: entrelaçamentos entre o pensamento de Lucrecia
Ferrara e de Armando Silva**

Virgínia Campos Grossi

Mestranda em Ambiente Construído, UFJF, Brasil.
virginia.grossi@arquitetura.ufjf.br

Frederico Braidá

Professor Doutor em Design, UFJF, Brasil.
frederico.braidá@arquitetura.ufjf.br

José Gustavo Francis Abdalla

Professor Doutor em Engenharia de Produção, UFJF, Brasil.
gustavo.francis@ufjf.edu.br

RESUMO

Diante das constantes modificações espaciais, funcionais, sociais e simbólicas da cidade, compreendê-la para além de seus aspectos físicos é o primeiro passo para conhecer sua identidade e como se dão suas transformações espontâneas. Neste contexto, a percepção urbana serve como suporte teórico e metodológico para compreender a cidade e seus aspectos subjetivos. Identificar as relações presentes entre o usuário e o espaço urbano, os meios em que a cidade se expressa, seus símbolos e significados presentes, fazem ultrapassar o entendimento convencional, estético e espacial da cidade para compreender suas relações, suas dinâmicas, e transformações sócio-espaciais. Logo, o artigo tem o objetivo de discutir a percepção urbana a partir da contribuição teórica de dois autores: Armando Silva e Lucrecia Ferrara. A fim de buscar uma análise e possíveis reflexões sobre o tema, a pesquisa apresenta como metodologia uma revisão de literatura voltada para o estudo da cidade a partir desses dois autores. Apesar de direcionamentos diferentes, esses pesquisadores consideram a cidade como um organismo vivo em constantes transformações, enfatizando, principalmente, a percepção dos habitantes sobre a cidade como metodologia de pesquisa. Foi observado que, ao se considerar um estudo da cidade sob um olhar perceptivo e multidisciplinar, escapa-se de sua leitura estática tradicional e potencialmente descortinam-se os elementos culturais e sociais que a caracterizam e a identificam, permitindo compreender as lógicas das transformações espaciais a partir variados pontos de vista dos diferentes cidadãos.

PALAVRAS-CHAVE: Percepção urbana. Imaginário urbano. Semiótica urbana.

INTRODUÇÃO

A relação entre o homem e o espaço, no contexto ambiente, tem sido objeto de questionamento não só para a formação do comportamento humano (OKAMOTO; 2007, p. 9), como também para as transformações do ambiente (CAVALCANTE; ELALI, 2011). Nesse contexto, a percepção ambiental surgiu como um tema multidisciplinar, proveniente a princípio da psicologia ambiental, com o objetivo de estudar e aprender como acontecem as relações entre pessoa e ambiente, sob diversas dimensões (CAVALCANTE; ELALI, 2011).

Explica-se, portanto, o surgimento e a consolidação da Psicologia Ambiental (PA) como área ou **campo de conhecimento** (SOMMER, 2000; SIME, 1999; STOCKOLS, 1995; POL, 1993) voltado para o estudo **das relações recíprocas entre a pessoa e o ambiente**, e cuja meta é compreender a **construção de significados e os comportamentos** relativos aos diversos espaços de vida, bem como as **modificações e influências** suscitadas por nossa subjetividade nestes ambientes. (Cavalcanti e Elali, 2011, p. 14, grifos nossos)

A percepção ambiental está relacionada não somente aos aspectos físicos do ambiente, mas também às experiências de vida do indivíduo, sua idade e o tempo em que frequenta um determinado ambiente (HIGUCHI; KUNHEN; BOMFIM, 2011, p. 107).

Incluindo componentes como a cognição, o afeto, o significado, a valoração, as preferências e a estética ambiental (ITTELSON, 1978), além dos propósitos da pessoa na situação (ITTELSON, 1973), a **percepção ambiental** está relacionada ao modo como as pessoas experienciam os aspectos ambientais presentes em seu entorno, para o que são importantes não apenas os **aspectos físicos**, mas também os **aspectos sociais, culturais e históricos**. Graças à sua função de interpretação e de **construção de significados**, a percepção ambiental exerce papel fundamental nos processos de **apropriação** e de **identificação** dos espaços e ambientes (KUNHEN; HIGUCHI, 2011, p. 250, grifos nossos).

Diante das constantes modificações espaciais, funcionais, sociais e simbólicas das cidades, compreendê-las para além de seus aspectos físicos é o primeiro passo para conhecer sua identidade, presente nos contextos urbanos e também como se dão suas transformações. A percepção urbana do indivíduo e/ou sociedade serve então como suporte teórico e metodológico para decodificar a cidade e investigar aspectos subjetivos correlacionáveis aos seus sistemas físico-espaciais. Neste cenário, perceber a cidade pode envolver diversos fatores, desde uma análise qualitativa de seus espaços físicos até a busca pelo entendimento de como se dá o caráter da subjetividade dela, seja ele cultural, simbólico, histórico, social ou estético. Identificar as possíveis relações presentes entre os usuários e o espaço urbano, por meio de suas atividades, papel social (normas, características, comportamentos de grupos etc.), relações e interações com os sistemas circunscritos a ele (BRONFENBRENNER, 1996, p. 27), além de seus símbolos e significados presentes, leva a se ultrapassar o entendimento convencional e ambiental das cidades para se compreender as relações pessoais e interpessoais, dinâmicas sociais e transformações físico-espaciais.

Confrontando-se com rotinas do dia a dia, muitas das vezes se compreende os espaços da cidade de forma habitual e homogênea, não percebendo como se dão os significados intrínsecos aos elementos que os compõem e suas formas de expressão. Porém, apesar da complexidade, deve-se ressaltar a importância das pesquisas que envolvem a percepção urbana, visto que buscam propor uma leitura da cidade e conseqüentemente de seus espaços urbanos, fomentando a compreensão da lógica das transformações espaciais e das possíveis mediações existentes entre os seus habitantes e o ambiente construído. Segundo Ferrara (1988, p. 5), “a percepção ou leitura do ambiente urbano, como instrumentos de sua interpretação, trazem para a ação sobre a cidade parâmetros reais do significado do espaço para o usuário”.

Dessa forma, o presente artigo tem por objetivo principal discutir o tema da percepção urbana a partir da contribuição de dois teóricos: Armando Silva, com uma percepção voltada para os aspectos imaginários, sociais e simbólicos das cidades latino-americanas, e Lucrecia Ferrara, com enfoque nos significados e aspectos comunicativos não-verbais presentes na cidade. Apesar de direcionamentos diferentes, os autores consideram a cidade como um organismo vivo em constantes transformações, enfatizando, principalmente, a percepção dos habitantes sobre a cidade como metodologia de pesquisa.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza básica, de caráter exploratório e qualitativo, fundamentada em uma revisão de literatura. Mais especificamente, este artigo é fruto de uma pesquisa que, do ponto de vista metodológico, propõe análise, reflexão crítica e comparação entre dois entendimentos sobre a temática da percepção urbana. Os autores foram selecionados devido às suas diferentes formações e visões teóricas e também às suas grandes contribuições sobre o estudo das cidades.

Com o intuito de se estabelecer as principais convergências e divergências entre os pensamentos de Armando Silva e de Lucrecia D’Aléssio Ferrara, analisou-se, por um lado, os livros de Armando Silva: “Imaginários urbanos” (2001) e “Imaginários, estranhamentos urbanos”

(2014) e, por outro, as obras de Lucrécia D'Aléssio Ferrara: "Ver a cidade" (1988), "Olhar periférico" (1993) e "Significados urbanos" (2000).

As análises concentraram-se na compreensão do instrumental teórico propiciando lastro para as proposições apresentadas por Armando Silva e Lucrécia Ferrara sobre a percepção urbana, bem como para os procedimentos metodológicos utilizados pelos autores em suas pesquisas empíricas na cidade. Atentou-se, também, para algumas categorias que emergem das reflexões dos dois autores, tais como, "imaginário urbano" e "imagem da cidade".

A PERCEPÇÃO URBANA SOB O PONTO DE VISTA DE LUCRÉCIA D'ALÉSSIO FERRARA

Graduada em Letras Neo Latinas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1959) e doutora em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1964), Lucrécia D'Alessio Ferrara apresenta estudos e experiências sobre comunicação e semiótica dos espaços urbanos, os quais geraram publicações de diversas obras que contribuem para os estudos voltados para o tema da percepção urbana (FERRARA, 2020). Com um olhar semiótico sobre a cidade, a autora busca identificá-la como meio de expressão e informação.

Para Ferrara, a percepção urbana pode ser entendida como uma prática cultural que necessita de certa compreensão da cidade e se apoia no uso urbano e na imagem física da cidade, a qual é formada por imagens de fragmentos habituais como a praça, o quarteirão, as ruas, entre outros elementos (FERRARA, 1988, p. 3). Ferrara (2000, p. 158, grifos nossos) propõe entender a "arquitetura como **intervenção cultural** por meio da forma e da qualidade do espaço, sendo algo que vai muito além do simples desempenho projetivo." Segundo a autora, "entender a **arquitetura como linguagem** é assumi-la como instrumento de intervenção cultural; interagem **arquiteto e usuário, espaço e uso**. (FERRARA, 2000, p. 158, grifos nossos). A autora propõe um estudo da cidade que ultrapassa a percepção rotineira do usuário e que busca uma percepção sobre diversos ângulos incomuns na cidade, a fim de apreender seus signos e suas formas de se expressar e de se comunicar.

De acordo com Ferrara (1993, p. 18, grifos nossos),

decodificar esse urbano, entender sua lógica, supõe o reconhecimento da sintaxe, do modo de formar que o identifica, [...] da possibilidade de romper aquela homogeneidade a fim de projetar elementos de predicação, de qualificação. A essa operação damos o nome de **percepção urbana**, enquanto modo de reter e gerar informação sobre a cidade. **Percepção é informação**.

Neste contexto,

espaço de informação é aquele ambiente físico, social, econômico e cultural que agasalha um tipo de comportamento decorrente de um modo de vida, um modo de produção. Esses comportamentos revelam-se através de uma linguagem que tem como signos **usos e hábitos** (FERRARA, 1993, p. 151, grifos nossos).

Assim, espaço urbano e informação são elementos interdependentes e se fazem mutuamente, sendo possível prever uma alteração em um determinado espaço quando há novos estímulos, provocando novos aprendizados e mudanças comportamentais naqueles que

o habitam (FERRARA, 1993, p. 151-512). Ferrara (1993, p. 153) enfatiza os signos como meio de expressão e informação da cidade, dando destaque para o uso do espaço urbano e para os hábitos, comparando-os com signos ou meios que expressam as relações entre o espaço e o usuário, suas formas de habitar e viver na cidade. Além disso a autora destaca outros signos presentes na cidade como as arquiteturas, as cores, os traços, os monumentos, o desenho industrial dos equipamentos, os sons presentes no espaço, a publicidade, os veículos de comunicação em massa, entre outros elementos que geram informação para o usuário na cidade ao mesmo tempo em que expressam a identidade da mesma (FERRARA, 1988, p. 4). Através da associação entre esses signos encontrados de forma dispersa e descontínua na cidade, geramos significados e realizamos uma leitura não verbal da cidade (FERRARA, 1988, p. 15). Essa leitura não-verbal da cidade se dá de forma desorganizada, sem ordem preestabelecida ou sistematizada e é afetada pela própria percepção do leitor que apresenta suas próprias experiências no uso de códigos e linguagens (FERRARA, 1988, p. 16).

O usuário, portanto, identifica a cidade como lugar, à medida que se relaciona com o espaço urbano, o utiliza e o apreende, transformando-o em uma manifestação sociocultural que rompe com a caracterização idealista de espaço projetado (FERRARA, 1988, p. 14). Ao se propor um estudo dos espaços urbanos entendendo a cidade como produtora de informação e como “produtora e participante de textos não-verbais” (FERRARA, 1988, p. 14), ultrapassamos o mero entendimento das organizações físicas da cidade.

Segundo Ferrara (2000, p. 118), tanto o termo “imagem da cidade” quanto o termo “imaginário urbano” são categorias de análise perceptivas não só “na cidade” como “da cidade”, visto que a qualificam. Eles se relacionam à capacidade cognitiva da pessoa apreender, refletir e produzir informação (em todas as suas relações de interação e inter-relação) na cidade e sobre a cidade. Nesse contexto, a imagem da cidade se refere a alguma informação de significado único que expressa algo construído e concreto na cidade (FERRARA, 2000, p. 118), ou seja, a imagem é concreta, identificável, descritiva e reconhecida.

Já o imaginário da cidade corresponde à necessidade de os seres humanos produzirem conhecimento através da multiplicação dos significados, atribuindo significados aos significados, ou seja, é a capacidade associativa de produzir diversas imagens a partir de uma imagem concreta (FERRARA, 2000, p. 118-119). Enquanto a imagem urbana é uma fruição coletiva, o imaginário é desencadeado pela solidão (FERRARA, 2000, p. 121). Em outras palavras, “pelo imaginário, a imagem urbana de locais, monumentos, emblemas, espaços públicos ou privados passa a significar mais pela incorporação de significados extras e autônomos do que em relação à imagem básica que lhe deu origem” (FERRARA, 2000, p. 118). Cabe ressaltar que a autora enfatiza a percepção da imagem da cidade como meio indispensável para a produção da identidade e dos significados urbanos (FERRARA, 2000, p. 11).

Com relação às metodologias, Ferrara (1988, p. 78-79) destaca que as pesquisas no âmbito da leitura semiótica da cidade podem focar em algumas das seguintes seis dimensões: (i) as características físico-contextuais: estágio atual e sua transformação; (ii) a memória e a história ambiental: o repertório urbano; (iii) o espaço público institucionalizado e espontâneo, e sua relação com o usuário; (iv) a infra-estrutura institucionalizada e espontânea; (v) a relação entre espaço público e privado; e (vi) o ambiente urbano nas suas microlinguagens interferentes: a cidade e as extensões ambientais dos vários meios de comunicação. Apesar dos

diferentes enfoques, Ferrara (1988, p. 79) defende que todas as seis categorias devem considerar os parâmetros de observação, os depoimentos dos usuários, as comparações e associações.

Além disso, a autora aponta para outros recursos metodológicos como, por exemplo, observações de lugares estratégicos em horários e dias especificados, documentação jornalística, depoimentos sobre a região selecionada, documentação iconográfica (mapas, croquis, plantas, fotos, desenhos), documentação audiovisual, fotografias, entrevistas com usuários selecionados, entre outros (FERRARA, 1988, p. 79-80). A autora enfatiza que esse tipo de pesquisa é fragmentado e indutivo e, quanto maior as amostragens coletadas na pesquisa, mais segura ela se torna (FERRARA, 1988, p. 77). Ou seja, é necessário fragmentar a cidade em lugares informados, ou seja, ultrapassar sua totalidade homogênea, descobrir e traduzir seus lugares, onde as informações se concretizam através dos seus signos, usos e hábitos presentes (FERRARA, 1993, p. 153).

Ferrara (1988, p. 76) aponta três metodologias que podem ser utilizadas em pesquisas de percepção ambiental da cidade: (i) ter um contato direto entre pesquisador e cidade, ou seja, colher as informações que precisamos sobre a cidade indo até ela; (ii) entender que o que buscamos encontra-se dentro da cidade; e (iii) entender a cidade como espaço do pesquisador, ou seja, entender que o próprio pesquisador deve ser capaz de ler e interpretar as informações emitidas pelos usuários do espaço urbano à medida que se relacionam com o último. É importante que, durante as pesquisas, pesquisadores sejam afastados da imagem homogênea e habitual que possuem da cidade, afastando-se de rotinas e propondo uma leitura e compreensão dos ambientes urbanos através de formas e ângulos não habituais, percebendo-a de forma qualitativa e reconhecendo significados, meios de expressão e identidade (FERRARA, 1993, p. 153).

A autora também destaca as fotografias como meio de perceber e estudar a cidade, flagrando formas, volumes e movimentos presentes nos espaços. Ao fotografar, o usuário cria um certo estranhamento com o lugar habitual, permitindo explicitar, de forma sensível, a imagem da cidade além de se surpreender com os ângulos selecionados, que supostamente se relacionam com seu cotidiano (FERRARA, 1988, p. 77). Além disso, fotografar os espaços urbanos “leva o homem a captar, confrontar e informar espaços idênticos, próximos ou divergentes” (FERRARA, 1988, p. 77-78), sendo tal comparação, para a autora, um método fundamental em uma pesquisa de percepção ambiental (FERRARA, 1988, p. 77-78). Além disso, a comparação entre fotografias do passado e do presente dos mesmos locais urbanos quando comentadas pelos usuários da cidade é um método que traz a memória do contexto da percepção da cidade (FERRARA, 1988, p. 78).

A PERCEPÇÃO URBANA SOB O PONTO DE VISTA DE ARMANDO SILVA

Armando Silva é doutor pela Universidade da Califórnia, com estudos em filosofia, semiótica e psicanálise. O autor pesquisou por mais de uma década as cidades latino-americanas, utilizando principalmente o imaginário para investigar e identificar as práticas sócio-simbólicas (SILVA, 2001).

Segundo Silva (2001, p. XXIV), pode-se entender a cidade como uma densa rede simbólica em construção e expansão e, para percebê-la, não basta compreender sua imagem na apreciação de sua extensão física ou somente em suas representações visuais, é preciso realizar um exercício contínuo de pesquisa, considerando as participações dos cidadãos nas construções simbólicas da cidade, como eles a usam e a imaginam. De acordo com o autor,

se tentássemos saber onde e como se produz hoje a forma da cidade, muito provavelmente teríamos de admitir que não são apenas a arquitetura, as edificações ou as ruas os elementos que marcam essa condição e que, a cada dia, aparecem objetos muito mais etéreos, como anúncios, produto digitais ou sinais, e até invisíveis, do ponto de vista icônico, como luzes ou *bits* do ciberespaço. Tudo isso significa que está ocorrendo uma “desmaterialização” dos referenciais da urbe, que acompanha as novas percepções cidadãs, de tal modo que uma cidade do tempo vai se sobrepondo à cidade do espaço, impregnando, assim, as representações cidadãs da subjetividade contemporânea. (SILVA, 2014, p. 21-22).

Logo,

[...] se hoje estamos diante de um fenômeno novíssimo, que é a não-correspondência entre cidade e urbanismo, pois o urbanismo excede o arcabouço citadino, **os imaginários** aparecem como uma estratégia (precisamente mais temporal que espacial), para dar conta dos processos urbanizadores que não são só **manifestações de uma cidade**, mas também do mundo em que a urbaniza. (SILVA, 2001, p. X, grifos nossos).

Neste cenário, pode-se dizer que o urbano rompe com os limites físicos e geográficos preestabelecidos da cidade (SILVA, 2001, p. X). Ou seja, a visão do urbano, de acordo com Silva (2001, p. X), ultrapassa o entendimento do limite físico-espacial da cidade e considera os diversos fatores que nela estão presentes, por exemplo: a arte, as tecnologias, os meios de comunicação, a internet, os *outdoors*, a publicidade, os grafites, as placas de sinalização, os cartazes de cinema, entre outros, que juntos constroem uma mentalidade urbana (SILVA, 2001, p. XXV).

Compreender a cidade no âmbito da percepção urbana é, então, propor um olhar que ultrapassa as dimensões do espaço cartesiano da cidade, pois supõe considerar aspectos subjetivos presentes na ambiência dela e que lhe asseguram vitalidade, afirmando-a como local de expressão e informação. Portanto, o que difere uma cidade da outra não são somente suas características físico-formais, mas também os símbolos presentes, que os habitantes constroem para representá-la (2001, XXVI). Esses símbolos, por sua vez, sofrem constantes modificações assim como as fantasias do coletivo, criando a urbanização da cidade (SILVA, 2001, p. XXVI).

Para Silva (2001), o termo “símbolo” apresenta um sentido filosófico, diferente da definição dada pelas ciências da linguagem, pois não é algo unicamente determinado e sim algo que busca expressar os múltiplos sentidos de alguma coisa (SILVA, 2001). Portanto, ao se referir aos símbolos ou a uma dimensão simbólica, Silva (2001) remete àquilo que é compreendido para além das palavras, através dos diversos sentidos e sentimentos. Ao remeter aos imaginários urbanos, a cidade não é apenas um cenário de linguagens, mas também de evocações e sonhos, de imagens e de variadas escrituras (SILVA, 2001).

A ideia brusca e determinista de que na cidade o que importa é o “real”, o “econômico”, o “social” deixou de fora outras considerações mais abstratas, mas não menos reais: podemos dizer que o real de uma cidade não são só a sua economia, a sua planificação física ou os seus conflitos sociais mas também as *imagens imaginadas* construídas a partir de tais fenômenos, e também as imaginações construídas por fora deles, como exercício fabulatório, em qualidade de representação de seus espaços e de suas escrituras (SILVA, 2001, p. 79, grifos do autor).

Para o autor, “a cidade mescla hábitos, percepções, histórias, enfim, é ‘cultura se fazendo como costura’” e “é precisamente na fusão de todas essas intermediações e costuras que vai aflorando a própria urbanidade ou personalidade coletiva da cidade” (SILVA, 2001, p. 26). Essa múltipla relação do sujeito e cidadão em uma cidade, por sua vez, não somente cria uma imagem coletiva da cidade como também a transforma.

Com relação aos imaginários urbanos, Silva (2001, p. X) expressa o termo como aquilo que provém de nossos desejos e pode ser entendido como os modos grupais de ver, viver, habitar e desabitatar as nossas cidades. Cada cidade será entendida (do ponto de vista cultural) através da soma hipotética de seus imaginários urbanos, visto que estes imaginários podem se distinguir devido às diferentes opiniões dos cidadãos (SILVA, 2001, p. XI). Sobre a imagem da cidade, é formada através dos próprios cortes imaginários de seus moradores sobre a cidade vivida, interiorizada e projetada (SILVA, 2001, p. XXVI-XXVII), sendo formada então através da subjetividade dos cidadãos. Neste contexto, Silva (2001) destaca os usos da cidade como formadores da própria imagem da cidade.

No âmbito das metodologias de estudos sobre a cidade, de acordo com Silva (2001, p. 20), pesquisas ainda são insuficientes sobre a noção da imagem da cidade:

[...] as pesquisas sobre o urbano ainda se mantêm dentro de critérios do conhecido senso comum ou dentro de enfoques tradicionais, em geral dominados por análises sociológicas ou econômicas nas quais, quando surgem perguntas relacionadas com sua imagem, são resolvidas como problemas visuais, sem problematizar precisamente e própria noção de imagem (SILVA, 2001, p. 20).

Silva (2001) ressalta, portanto, a importância do estudo da imagem da cidade, ou seja, daquilo criado através dos imaginários urbanos e dos usos dos espaços, pela cidade vivida e interiorizada. O autor também destaca os pontos de vista do cidadão em suas metodologias de pesquisa (SILVA, 2001, p. XVII). Esse ponto de vista é compreendido como uma série de estratégias discursivas por meio das quais os cidadãos narram as histórias da sua cidade, mesmo que tais relatos possam ser representados como visuais (SILVA, 2001, p. 9).

A fim de compreender as culturas e as práticas sócio-simbólicas dos cidadãos das diferentes cidades latino-americanas, Silva (2001) utiliza em suas pesquisas procedimentos metodológicos como: reunião de fichas técnicas sobre episódios da cidade e dados de localização, análises de diversas fotografias de acontecimentos urbanos, avaliação de discursos e de imagens de jornais em comparação com os acontecimentos urbanos, narrações dos cidadãos, análises narrativas e de pontos de vista, observações contínuas e questionários sobre as projeções imaginárias dos cidadãos. Além disso, o autor destaca seis grandes campos

metodológicos no estudo perceptivo da cidade: (i) os de trabalho de campo, em estatísticas qualificadas de percepção grupal; (ii) as técnicas de coleta de narrações urbanas; (iii) a semiótica da imagem da cidade na mídia; (iv) as enunciações da cidade imaginada nas obras literárias e artísticas, por períodos históricos; (v) a coleta de objetos urbanos, como iconografias citadinas; (vi) e as de arquivos de produção sonora, visual, audiovisual e digital. (SILVA, 2014, p. 232).

ENTRELAÇAMENTOS ENTRE OS OLHARES DE LUCRÉCIA FERRARA E DE ARMANDO SILVA SOBRE O ESTUDO DA CIDADE

Apesar de focos diferentes no âmbito do estudo das cidades, visto que Ferrara destaca os estudos dos signos e meios de expressão da cidade e Silva se volta para os estudos sobre as culturas das cidades latino-americanas através dos imaginários urbanos, ambos os autores enfatizam a relação entre cidade e usuário ou cidadão, mais especificamente sobre suas percepções e sobre os usos que fazem dos espaços urbanos. De forma geral, percebe-se que Lucrécia Ferrara busca perceber a cidade principalmente sob o olhar semiótico, ou seja, desvendando como a cidade se expressa, se comunica e ao mesmo tempo gera informação, destacando a relação entre o usuário e o espaço urbano, e o estudo dos signos. Com relação aos estudos sobre as cidades latino-americanas de Armando Silva, pode-se dizer que buscam identificar as culturas urbanas e seus elementos simbólicos através dos imaginários urbanos dos cidadãos.

Foi observado que ambos os autores apresentam um olhar perceptivo e multidisciplinar na cidade e sobre cidade, considerando-a como local de informação que se transforma através das necessidades e das relações entre os habitantes e os espaços urbanos. Além disso percebeu-se que, apesar de distintas, as teorias podem se complementar pois Silva (2001) destaca os imaginários urbanos como formadores dos modos grupais de ver, viver, habitar e desabitar as nossas cidades, enquanto Ferrara (1993, p. 153) destaca em suas teorias os signos como meios de expressão dos últimos.

O termo imaginário urbano, para ambos os autores, é um processo cognitivo que se dá através da experiência de vida do usuário ou cidadão na cidade. Ferrara (2000) expõe o termo como um processo cognitivo que é formado através das imagens urbanas que são associadas a diversos significados em nosso imaginário, sendo de caráter solitário, relacionado ao individual. Silva (2001) também relaciona o termo a um processo cognitivo, porém com um caráter coletivo pois expressa uma percepção em comum de um determinado grupo e influencia modos grupais de ver, viver, habitar e desabitar as nossas cidades.

Sobre a imagem da cidade, Ferrara (2000) a conceitua como algo fisicamente tangível e construído na cidade, de significado único, enquanto Silva (2001) a caracteriza como algo mais subjetivo formado através dos cortes imaginários (ou seja, pelo processo perceptivo) de seus moradores sobre a cidade vivida, interiorizada e projetada.

Sobre as metodologias, ambos os autores enfatizam a importância da percepção dos habitantes e das observações colhidas pelos próprios pesquisadores. Além disso, ambos destacam a importância do contato físico direto do pesquisador com a cidade pesquisada além da importância de ler e interpretar as informações emitidas pelos usuários do espaço urbano. Dentre as metodologias utilizadas por Lucrécia Ferrara, destacam-se as análises das fotografias

das imagens da cidade e as entrevistas com os usuários dos espaços urbanos. No que diz respeito às técnicas empregadas por Armando Silva, destacam-se o uso de questionários sobre os imaginários urbanos dos diferentes grupos de cidadãos que compõem a cidade e as análises das fotografias dos acontecimentos urbanos, dos discursos e das imagens dos jornais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de enfoques diferenciados, Armando Silva e Lucrécia Ferrara se assemelham sobre o entendimento geral da percepção urbana e sobre sua forte relação com o usuário ou cidadão, seus comportamentos e ações. Observa-se que os autores muito contribuem para o entendimento da percepção urbana e para os conceitos que a rodeiam, bem como para as técnicas que podem ser úteis em pesquisas empíricas.

Observou-se também que a cidade é plural e fornece informações para aquele que a habita, sendo o sujeito um ser que faz uso do seu potencial cognitivo no sentido de gerar sentimentos, percepções, significados e imaginários pessoais e interpessoais, os quais são responsáveis pelas próprias mudanças socioespaciais e culturais das cidades. Ao levar em conta um estudo perceptivo e multidisciplinar sobre a cidade, considerando os imaginários urbanos e/ou o estudo dos signos, pode-se compreender de maneira mais holística como se dão suas transformações, sejam elas materiais ou imateriais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRONFENBRENNER, Urie. (1996). **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice Azambuja. **Temas básicos em psicologia ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 11-20.

FERRARA, Lucrécia. **Currículo do sistema de Currículos Lattes**. 24 de abr. 2020. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1606647058708790>. Acesso em: 30 de mar. 2020.

FERRARA, Lucrécia. **Os significados urbanos**. São Paulo: Edusp, 2000.

FERRARA, Lucrécia. **Olhar periférico**. São Paulo: Edusp, 1993.

FERRARA, Lucrécia. **Ver a cidade**. São Paulo: Nobel, 1988.

HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto; KUNHEM, Ariane; BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. **Cognição ambiental**. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice Azambuja. **Temas básicos em psicologia ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 103-119.

KUNHEM, Ariane; HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto. **Percepção ambiental**. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice Azambuja. **Temas básicos em psicologia ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 250-267.

OKAMOTO, Jun. **Percepção ambiental e comportamento: visão holística da percepção ambiental na arquitetura e na comunicação**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2002.

SILVA, Armando. **Imaginários, estranhamentos urbanos**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2014.

SILVA, Armando. **Imaginários urbanos**. São Paulo: Perspectiva, 2001.